

**A PRODUÇÃO DE VINHOS NO ESPAÇO AGRÁRIO DO SUL DO BRASIL:
UMA ABORDAGEM SOBRE A SERRA GAÚCHA E A CAMPANHA GAÚCHA**

**THE PRODUCTION OF WINES IN THE SPACE SOUTH OF BRAZIL: AN
APPROACH ON THE SERRA GAÚCHA AND THE CAMPANHA GAÚCHA**

**LA PRODUCCIÓN DE VINOS EN LA ZONA AGRARIA SUR DE BRASIL: UN
ENFOQUE EN EL SERRA GAÚCHA Y LA CAMPANHA GAÚCHA**

**Vanessa Manfioⁱ
Vinício Luís Pierozanⁱⁱ**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo central analisar a produção de vinhos no estado do Rio Grande do Sul em duas regiões vitivinícolas com particularidades distintas uma da outra: a Serra Gaúcha e a Campanha Gaúcha. Na primeira, a vitivinicultura faz parte da cultura italiana que colonizou a região e os vinhos são reconhecidos mundialmente pela sua originalidade e qualidade. Na segunda, o desenvolvimento da vitivinicultura está centrado nos estudos edafoclimáticos e no interesse de complementar a atividade de pecuária bovina, presente na grande propriedade rural da região. Para nortear a discussão destas duas realidades foi utilizada a pesquisa descritiva, partindo do trabalho de campo e revisão de literaturas, descrevendo e analisando os fenômenos.

Palavras-Chave: Vitivinicultura; Serra Gaúcha; Campanha Gaúcha.

Abstract: The present article has like central objective analyses the wines production in the state of Rio Grande do Sul in two vitiviculture regions with different peculiarities one of other one: the Serra Gaúcha and the Campanha Gaúcha. In the first one, the vitiviculture makes part of the Italian culture that colonized the region and the wines are worldwide recognized by his originality and quality. In the second, the development of the vitiviculture is centered in the edaphoclimates studies and in the interest of complementing the activity of bovine cattle-raising present in the great rural property of the region. To orientate the discussion of these two realities the descriptive inquiry was used, leaving from the work of field and revision of literatures, describing and analysing the phenomenon.

Keywords: Vitiviculture; Serra Gaúcha; Campanha Gaúcha.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la producción de vinos en el estado de Rio Grande do Sul en dos regiones vitivinícolas con características distintas: Serra Gaúcha y Campanha Gaúcha. En el primero, la viticultura es parte de la cultura italiana que colonizó la región y los vinos son reconocidos mundialmente por su originalidad y calidad. En el segundo, el desarrollo de la viticultura se centra en estudios edafoclimáticos y en el interés de complementar la actividad ganadera, presente en la gran propiedad rural de la región. Para guiar la discusión de estas dos realidades, se utilizó una investigación descriptiva, basada en el trabajo de campo y la revisión de la literatura, describiendo y analizando los fenómenos.

Palabras clave: Viticultura; Serra Gaúcha; Campanha Gaúcha.

Introdução

A presença da videira no Rio Grande do Sul é anterior à vinda dos primeiros colonos italianos ao estado. Mas, sobretudo, estes colonizadores tiveram uma significativa contribuição na questão agrária gaúcha, principalmente no âmbito da produção de uvas e vinhos. Assim, como eles criaram uma identidade cultural para as regiões vitícolas tradicionais.

Nesse sentido, os italianos trouxeram, além do hábito de consumir vinho, os conhecimentos essenciais para a elaboração desta bebida milenar. Isto permitiu com que as colônias se destacassem pela produção vinícola diante das demais colônias de imigrantes que se instalaram no estado. Com a produção de vinhos associou-se a gastronomia e o modo de vida do italiano e seus descendentes, despertando o turismo e o desenvolvimento vitícola.

Inicialmente, o vinho era elaborado basicamente a partir de uma produção artesanal e familiar voltada para o consumo próprio e, posteriormente, tornou-se uma forma de produção agrícola que transformou o espaço rural em uma paisagem vitícola, especialmente na região da Serra Gaúcha.

Sobre a produção de vinhos no espaço rio-grandense, pode-se dizer que a mesma apresentou vários e distintos momentos históricos. De acordo com Farias (2008), a vitivinicultura gaúcha pode ser dividida em quatro momentos: a) de 1875 a 1915, foi o período de colonização e adaptação dos italianos no Rio Grande do Sul, onde a produção da uva e do vinho era destinado ao consumo familiar e local; b) a partir de 1915, com a inauguração da estrada de ferro que ligava Caxias do Sul a Montenegro, dos quais a produção passou a ser exportada para outras localidades e outros estados brasileiros; c) as décadas de 60 e 70, que foram marcadas pela entrada de empresas internacionais na produção e comercialização de vinhos e sucos; d) a partir dos anos 90, quando a tecnologia se disseminou entre o setor vitivinícola gaúcho (FARIAS, 2008).

A partir da década de 1970, a vitivinicultura também passou a se expandir para outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, principalmente pela forte especulação imobiliária presente na região vitícola da Serra Gaúcha e pela necessidade de produção de novos produtos, surgindo outras áreas vitícolas na Fronteira Sudoeste (conhecida como Campanha Gaúcha), na Serra de Sudeste e Campos de Cima da Serra, principalmente (Figura 1). Assim, em cada uma das diferentes regiões vitícolas gaúchas se desenvolve um *terroir* com características distintas de produção, identidade e tipicidade.

Figura 1: Localização das principais regiões vitivinícolas gaúchas



Fonte: Academia do Vinho (2018), citado por Manfio e Pierozan (2018).

A questão agrária destes novos espaços vitivinícolas passou a ser compreendida por vinhedos e redes de infraestrutura ligadas ao vinho e ao enoturismo, assim como relações verificadas entre o campo, a cidade e o comércio diferentes das tradicionais já existentes no local.

Dessa forma, percebe-se a concentração da produção de vinhos de mesa elaborados a partir de cultivares híbridas e americanas, variedades mais bem adaptadas às condições climáticas da Serra Gaúcha, principal região vitivinícola, lugar onde os vinhedos dessas cultivares predominam em relação às variedades viníferas destinadas à elaboração de vinhos finos (MANFIO; PIEROZAN, 2018).

Enquanto na Campanha Gaúcha se destaca a produção de vinhos finos de cultivares do tipo: *Tannat*, *Merlot*, *Cabernet Sauvignon*, entre outras variedades, que associado ao clima e ao relevo permitem o desenvolvimento da grande propriedade e mecanização, resultando em alta produção de vinhos (MANFIO; PIEROZAN 2018).

Neste contexto, o presente artigo busca discutir sobre a vitivinicultura no Rio Grande do Sul, reconhecendo as suas dinâmicas histórias e atuais. Além disso, pretende-se abordar a respeito de duas importantes regiões vitícolas deste estado: a Serra Gaúcha e a Fronteira Sudoeste, a fim de caracterizar a questão agrária envolvendo a vitivinicultura.

Para isto, utilizou-se a pesquisa descritiva como meio de condução do trabalho, partindo do trabalho de campo e revisão de literaturas, julgando importante a discussão sobre a importância da vitivinicultura no estado gaúcho e a sua contínua expansão territorial e comercial. Segundo Lira (2014), a pesquisa descritiva tem sua preocupação em descrever determinado fenômeno tentando interpretá-lo.

Espera-se com este trabalho contribuir com os estudos sobre a temática da vitivinicultura no Rio Grande do Sul, lançando novos olhares para o assunto, divulgando bases teóricas e de análise de campo sobre duas regiões significativamente importantes: a Serra Gaúcha e Campanha Gaúcha.

A vitivinicultura no espaço agrário do Rio Grande do Sul (RS)

A produção de uva no Rio Grande do Sul tem sua origem associada à colonização dos Padres Jesuítas, iniciada por volta dos séculos XVI e XVII. Conforme Sousa (1969), a colonização jesuítica foi à primeira forma de civilizar o Rio Grande do Sul, impondo a catequese aos índios, o cultivo e a ocupação da terra, dos quais a uva foi um destes elementos produzidos, neste momento. Desta forma, este foi o primeiro movimento registrado da presença da cultura da uva no espaço territorial gaúcho. Durante este período, a produção de uva era muito localizada e sem perspectivas de avanços e desenvolvimento.

Posteriormente, com a chegada de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, o fato marcou o ressurgimento dos cultivos de videiras no estado. Mas, foi somente com a vinda dos colonos italianos para o Rio Grande do Sul, no século XIX, que o cultivo da videira ganhou outros rumos no que se refere ao desenvolvimento, consolidando a produção de vinho, na Serra Gaúcha. Para Lysakowski (1975, p.98), “[...] não foram os italianos que introduziram a parreira e o fabrico de vinho no Rio Grande: mas foram eles, com uma tradição ergológica [...], que elevaram a vitivinicultura a uma riqueza do Estado”.

Convém destacar que “O vinho na área de colonização italiana foi produzido inicialmente para consumo doméstico e posteriormente começou a ser comercializado, especialmente pela melhoria das estradas e dos transportes com a expansão comercial da colônia” (VALDUGA, 2010, p.4). Aos poucos, “[...] o vinho passou a ser o principal produto da região colonial italiana” (VALDUGA, 2010, p.4).

Diante disso, o setor vitivinícola começou a receber incentivos do governo para a criação de instituições voltadas à vitivinicultura, de legislações de melhoria de qualidade dos produtos e de infraestruturas. Conforme Real (1981), o governo incentivou a criação de instituições de ensino e pesquisa, tais quais: a Escola de Agricultura e Viticultura (Taquari), o Laboratório Enológico da Estação Agronômica Experimental na Chácara das Bananeiras (Porto Alegre), os laboratórios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Farroupilha. Segundo Farias (2008, p.13):

Outras ações associativas entre o estado e os produtores foram importantes para a estruturação do setor vitivinícola no final do século XIX e início do século XX. Entre as iniciativas está a formação do Sindicato Vinícola, depois transformado em Instituto Rio-grandense do Vinho, com o fim de regular a produção e obter a progressiva melhora da qualidade da produção, através da substituição da uva Isabel por castas de viníferas e híbridas.

Outras instituições foram criadas no Rio Grande do Sul e também tiveram uma importância expressiva na expansão da vitivinicultura, tanto em nível de extensão rural quanto em qualidade, como é o caso: da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA Uva e Vinho), do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN), da Federação das Cooperativas Vinícolas do Rio Grande do Sul (FECOVINHO), principalmente.

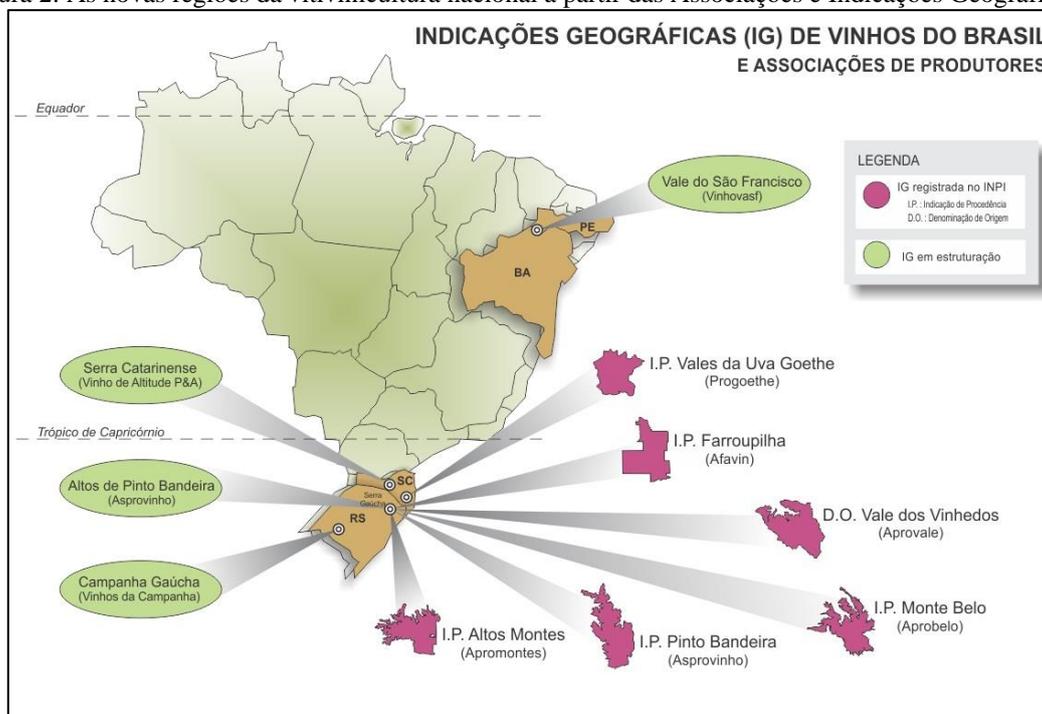
Na década de 1970, ocorreu um declínio de empresas individuais de vinho que resultou na fusão entre diferentes empresas do setor, juntamente com a entrada de multinacionais que trouxeram outras perspectivas para a vitivinicultura regional (SANTOS, 1978). Muitos comerciantes individuais passaram a inserir-se no segmento do cooperativismo como nova maneira de estabelecer o comércio do vinho, assim mencionam Duarte e Dias (2011, p.216) que, “A evolução das relações de comercialização faz com que alguns agricultores e comerciantes se unam para formar cooperativas para ampliar a produção do vinho”. A maioria destas cooperativas tornaram-se grandes indústrias vinícolas como: a Aurora, a Miolo Wine Group, a Nova Aliança, a Terrasul, entre outras (DUARTE; DIAS, 2011).

Em contrapartida, a década de 1990 representou um período de grandes dificuldades para expansão da vitivinicultura gaúcha, sobretudo pela entrada no Brasil de vários vinhos de outros países, que estimularam uma forte e acirrada concorrência com os vinhos nacionais. Coube à indústria brasileira investir em novas tecnologias visando buscar uma melhor qualidade do vinho para permanecer no mercado e atingir novos consumidores.

Para Mello (2014), a crise econômica mundial juntamente com a presença dos vinhos estrangeiros nas prateleiras dos supermercados brasileiros tem influenciado significativamente nos últimos anos o desempenho da vitivinicultura do país. Nesse sentido, as vinícolas buscaram se ajustar as demandas do mercado e passaram a procurar novas possibilidades como, por exemplo, as associações de produtores e instituições ligadas ao setor, com vistas a superar as principais dificuldades presentes no mercado vitivinícola.

Atualmente, no território brasileiro tem ocorrido uma expansão da vitivinicultura em áreas com condições edafoclimáticas favoráveis, formando polos específicos do vinho. A vitivinicultura se espalhou para várias regiões brasileiras, sendo marcada também pelas iniciativas de associativismo (presença de associações de produtores de vinhos) e Indicações Geográficas (Figura 2). Neste sentido, destacam-se como as principais áreas de produção de vinhos no Brasil atualmente: a Serra Gaúcha, o Vale do Submédio São Francisco (Nordeste brasileiro) e a Campanha Gaúcha (IBRAVIN, 2019, *on-line*).

Figura 2: As novas regiões da vitivinicultura nacional a partir das Associações e Indicações Geográficas



Fonte: <https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/indicacoes-geograficas-de-vinhos-do-brasil>.

Estes territórios têm investido em diferentes tecnologias e práticas como, por exemplo, a produção de cultivares da espécie *Vitis vinifera* de origem europeia, também

conhecida como uva fina, destinadas à elaboração de vinhos finos, espumantes e para consumo *in natura* como uvas de mesa. As uvas para produção do vinho e espumantes são implantadas de acordo com o sistema de condução da videira em espaldeiraⁱ para melhorar a qualidade da uva. Assim, o vinho adquire uma qualidade superior, além de favorecer a utilização de maquinário agrícola para realizar os diferentes tratamentos e aplicações de insumos nos vinhedos e colheita.

Segundo Niederle (2011) esse processo de reestruturação setorial atualmente em curso no Brasil revela alguns sinais de que o país poderá estabelecer-se como um ator importante na nova geopolítica do vinho, seja pela participação na exportação de produtos vitícolas, seja em virtude do potencial de crescimento da demanda interna, ou pelo investimento em turismo e *marketing*.

Nesta linha de discussão, a aquisição de Indicações Geográficas (IGs), especialmente as Indicações de Procedência (IP's), também tem sido um novo aspecto importante da vitivinicultura nacional e, sobretudo a gaúcha. É uma nova forma de qualificar os vinhos e, com isto, criar subsídios para o desenvolvimento de territórios do vinho e estimular a expansão do enoturismo para as regiões produtoras. De acordo com Falcade (2013, p.271):

A evolução da vitivinicultura regional e a implementação das IP's têm sido resultado das relações de poder entre seus diferentes atores; portanto deste ponto de vista, expressam, além do espaço geográfico, um território vitivinícola. Entende-se, desse modo, que estas IP's se constituem em regiões de fato e de direito e que as IG's, de modo geral, se constituem em uma forma de gestão do território.

Ainda, Falcade (2007) reforça que a origem dos produtos é reconhecida mundialmente como um fator de identidade, associado à qualidade, constituindo assim um espaço definido e delimitado – a região vitivinícola. Nesse sentido, a vitivinicultura gaúcha passou por vários momentos e encontra-se numa nova fase, a de formação de territórios do vinho e de certificações geográficas para o reconhecimento do produto e do espaço geográfico – identidade do vinho. Dentro dessa perspectiva a produção de uvas “[...] tem contribuído fortemente para o desenvolvimento dos territórios envolvidos, promovendo a agregação de valor aos produtos e a valorização de seus respectivos fatores

ⁱ As videiras conduzidas em espaldeira tem dossel vertical, as varas são atadas horizontalmente aos fios da produção do sistema de sustentação do vinhedo. (MIELE; MANDELLI, 2003).

naturais e culturais.” (MELLO, 2015, p.1). Estes territórios apresentam uma identidade relacionada ao *terroir*, as vinícolas e cultura que se desenvolve nas regiões vitícolas.

Pode-se dizer que a vitivinicultura é uma atividade de dinamismo no Rio Grande do Sul. De acordo com Mattei e Triches (2009, p.162):

O cenário atual da vitivinicultura gaúcha permite constatar que a atividade permanece como uma das mais importantes para a economia do estado rio-grandense, principalmente quando se observa o número de pessoas empregadas na cadeia, o valor dos impostos gerados, as exportações realizadas e as ações correlatas proporcionadas por esta atividade produtiva. Cabe destacar, por exemplo, em relação ao dinamismo correlato, as atividades de turismo, as quais “caminham e se organizam” conjuntamente com a vitivinicultura, principalmente na região da Serra Gaúcha, onde está localizado o principal polo de desenvolvimento da cadeia no RS.

Como mostra a (Figura 3), o Rio Grande do Sul, se destaca com a maior produção de vinhos no Brasil, seguido pelos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Pernambuco, entre outros.

Figura 3: Principais estados brasileiros produtores de vinho e espumantes



Fonte: Huber (2018).

Desta maneira, percebe-se que a vitivinicultura no Rio Grande do Sul percorreu um longo caminho, para se tornar hoje uma cadeia produtiva consolidada, proporcionando perspectivas de desenvolvimento territorial e de qualidade para o setor vitivinícola. Sem dúvidas, os imigrantes italianos devido à sua cultura e necessidade de organizar-se economicamente tiveram um papel essencial no desenvolvimento da

vitivinicultura gaúcha. Os colonos italianos territorializaram, no espaço gaúcho, a produção de uva e a elaboração de vinho, e através de seus saberes no que concerne à elaboração e ao comércio, juntamente com sua cultura criaram regiões vitícolas.

Uma discussão sobre a vitivinicultura na Serra Gaúcha: uma região de tradição vitícola

A Serra Gaúcha está localizada na porção Nordeste do estado do Rio Grande do Sul “[...] cujas coordenadas geográficas e indicadores climáticos médios são: latitude 29°S, longitude 51°W, altitude 600-800 m, precipitação 1700 mm distribuídos ao longo do ano, temperatura 17,2°C e umidade relativa do ar 76%.” (PROTAS; CAMARGO; MELLO, 2002, p.18).

Embora, o setor vitivinícola esteja em expansão no país e no próprio estado do Rio Grande do Sul a região da Serra Gaúcha continua como referência há mais de um século, no que se refere à produção de uvas e a elaboração de vinhos. Atualmente, existem na Serra Gaúcha várias áreas vitícolas, dos quais se destacam: Vale dos Vinhedos, Monte Belo, Farroupilha, Pinto Bandeira e Altos Montes. A partir do momento em que os italianos começaram a chegar e se fixar na região “Não demorou muito, para que a fisionomia rural do novo território fosse transformada em paisagens de vinhedos produtivos, e os pequenos povoados dessem lugar a cidades modernas que praticam uma industrialização inovadora e competitiva ao longo de 140 anos” (DAL PIZZOL; PASTOR, 2016, p.13). Este trabalho foi laboroso, necessitando a abertura de estradas, a transformação das matas em parreirais, a organização do mercado, os cuidados com as videiras e elaboração do vinho, adequação as legislações, entre outros. Assim, nem todos os colonos que se aventuraram a produzir vinhos tiveram um desempenho favorável para permanecer no mercado, mesmo diante dos insucessos vitícolas e modernização do setor.

Todavia, nos últimos anos a participação da Serra Gaúcha no segmento vitivinícola nacional segundo Mello *et al.*, (2017) está diminuindo gradativamente, principalmente pela expansão de vinhedos para outras regiões do estado e país. Durante o quinquênio 1996/2000 a Serra Gaúcha foi responsável por aproximadamente 90% da área (ha) vitícola do estado, atualmente com os dados mais recentes do Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul, constata-se que a região diminuiu a sua área (ha) de vinhedos para perto de 80% no estado. Mesmo com essa redução de parreirais continua sendo a “[...] a maior região vitícola do país, com uma área de 32,9 mil hectares de vinhedos. Conta com

mais de 12 mil pequenas propriedades distribuídas em 19 municípios [...]” (SILVA; RODRIGUES, 2015). A maioria das propriedades da região é de descendentes de italiano, que constituíram grandes e pequenas vinícolas na região. No entanto, grandes empresas de fora da região também apresentam hectares expressivos na região como é o caso da Vinícola Miolo.

A produção de uvas na região é bastante particular e difere da viticultura que se desenvolve nas demais regiões brasileiras, é realizada em “[...] pequenas propriedades, com média de 15 (ha) de área total, sendo destes 40% a 60% de área útil e 2,5 (ha) de vinhedos, pouco mecanizada devido à topografia acidentada, onde predomina o uso da mão de obra familiar, cada propriedade dispondo em média de quatro pessoas.” (PROTAS; CAMARGO; MELLO, 2002, p.18). Os parreirais, em sua maioria são antigos, com mais de 10 anos de idade, sendo possível ainda, nos dias de hoje, encontrar na região vinhas com mais de 100 anos na região. Todavia, Protas e Camargo (2010, *on-line*) dizem que, “[...] a partir de meados da década de 1980, inicia-se, nesta região, um movimento empresarial focado num processo de inovação tecnológica promovendo melhorias na estrutura dos processos produtivos bem como dos produtos elaborados.”.

Na esteira desse processo de modernização vitivinícola constata-se, que nos últimos anos está ocorrendo uma tendência na substituição destes vinhedos antigos principalmente das cultivares americanas pertencentes a espécie *Vitis labrusca*, *Vitis bourquina* e as variedades híbridas que no Brasil são classificadas em uvas comuns, como, por exemplo, as variedades *Isabel*, *Concord*, *Niágara Branca* e *Bordô* que de acordo com Protas e Camargo (2010, *on-line*) correspondem a mais de 80% da produção do lugar. Estes vinhedos são tradicionalmente conduzidos na forma latada e devido a este sistema de condução da videira produzem mais uvas que os demais sistemas de condução porém, estas vinhas estão cedendo lugar para as variedades *Vitis vinífera* que são conduzidas em espaldeira (Figuras 4 e 5), que embora apresentem menor produtividade, são uvas mais bem utilizadas para a elaboração de vinhos espumantes, vinhos tranquilos, brancos e tintos.

Figura 4: Vinhedo presente na Serra Gaúcha

Figura 5: Vinhedo presente na Serra Gaúcha



Fonte: Pierozan (2015).



Fonte: Pierozan (2015).

Dessa forma, Protas e Camargo (2010) reconhecem “[...] o surgimento de uma nova viticultura, estruturada com base tecnológica de ponta e focada na produção de uvas das variedades *Vitis vinifera* para a elaboração de vinhos finos de qualidade”. Essa mudança é necessária para que o setor vitivinícola não somente da região, mas do país como um todo, consiga atingir um padrão de qualidade semelhante com os vinhos importados produzidos em países tradicionais do velho continente como Itália, França, Espanha, ou nos países vizinhos do Brasil como Chile e Argentina.

Esse processo de modernização do setor não atinge todos os vitivinicultores da Serra Gaúcha, pois, não existe uma organização por parte dos viticultores, a grande maioria, são apenas produtores de uva, não realizam o beneficiamento da fruta e como consequência vendem a produção *in natura* para vinícolas de médio e grande porte ou para empresários ligados ao setor do vinho.

No que tange ao consumo de vinho no Brasil, destaca-se que o mesmo também se concentra na região da Serra Gaúcha. O brasileiro consome muito pouco vinho, em média 1,9 litro per capita/ano, que equivale a pouco mais de duas garrafas por brasileiro ao ano. Em contrapartida, países de maior tradição vitivinícola possuem um consumo bastante alto quando comparado ao Brasil como, por exemplo, Portugal que possui um consumo per capita/ano, com média de 58 garrafas por pessoa, na França cada habitante consome em média 54 garrafas anualmente e os italianos bebem em média 50 garrafas por habitante ao ano (ENCONTRO, 2018, *on-line*).

A região da Serra Gaúcha apresenta um consumo de vinho expressivo, este fato é decorrente da tradição cultural italiana, onde os colonos tinham o hábito de beber vinho durante a realização de suas refeições, principalmente no almoço e jantar e a tradição foi mantida pelos seus descendentes. Além disso, nesta região o enoturismo já se encontra

consolidado, onde as pessoas acabam visitando as vinícolas e também acabam consumindo vinho.

O enoturismo tem promovido à reestruturação do espaço agrário local tendo em vista que os espaços rurais passaram a receber novos estabelecimentos comerciais, hotéis, restaurantes, vinícolas e recentemente o Spa do Vinho, localizado no município de Bento Gonçalves.

A promissora região vitícola: uma análise sobre a Campanha Gaúcha

A Campanha Gaúcha foi efetivada após inúmeras disputas territoriais realizadas entre indígenas, espanhóis e portugueses pela posse da região fronteira. Estas disputas marcaram diferentes formas de colonização que foram extremamente significativas para a construção do espaço regional. Para Haesbaert (1988), com a apropriação da fronteira passou-se a articular territorialmente a atividade da pecuária e também a constituição de uma identidade cultural forjada no latifúndio. Estas características resultaram nas estâncias de gado ovino e bovino, na cultura gaúcha enraizada na figura peculiar do peão.

Entretanto, a partir da década de 1970, a inserção da vitivinicultura na região trouxe mudanças significativas para o espaço agrário. Segundo Flores e Medeiros (2013, p.6), “os estudos liderados pelo professor Harold Olmos, da Universidade de Davis (EUA)” e juntamente com parcerias realizadas em conjunto com instituições gaúchas identificaram aspectos como solo, relevo e clima na região da Fronteira Sudoeste que favoreceriam a produção de cultivares da espécie *Vitis vinifera* (Figura 6).

Figura 6: Vinhedos da Campanha Gaúcha



Fonte: Manfio (2015).

Com isto, empresas vitivinícolas da Serra Gaúcha se instalaram na Campanha Gaúcha e passaram a cultivar vinhedos comerciais e, posteriormente criaram redes de infraestrutura para viabilizar a produção de vinhos no local também. Destaca Engelmann (2009), que a região começou a se desenvolver, no campo da vitivinicultura, através da implantação da vinícola Almadén, na década de 70. Contemplando, a expansão das vinícolas da Serra Gaúcha para a Fronteira Sudoeste aconteceu juntamente com a integração de produtores locais no fornecimento de uva e com a aquisição de unidades produtivas, em 1995 a Vinícola Livramento Ltda foi adquirida pela Cooperativa Aliança, atual Cooperativa Nova Aliança (FLORES; MEDEIROS; FALCADE, 2010).

Distintos empresários situados na Campanha Gaúcha e de fora da região também começaram a produzir vinhos e a participar mais ativamente da cadeia produtiva do vinho fino, estabelecida regionalmente, a partir da produção centrada nas videiras *Vitis vinifera*. Assim, a região passou a receber investimentos e novas tecnologias começaram a ser incorporadas nos parreirais instalados em grandes extensões de vinhas cultivadas, em um relevo suave e plano, que facilita e favorece a mecanização dos vinhedos. Os principais municípios da região onde a vitivinicultura se desenvolve e prospera são: Santana do Livramento, Dom Pedrito e Bagé.

A região da Campanha apresenta diferentes tipos de produtores de uva e vinho, onde é possível destacar pelo menos três grupos: as empresas vitícolas consolidadas no mercado que têm unidades em diversas regiões do estado e do país e contam com uma grande propriedade de vinhedos, como, por exemplo, a Miolo Wine Group e a Salton. Enquanto, outro grupo corresponde a empresários que resolveram investir na vitivinicultura e possuem menor área cultivada, tais quais: Guatambu - Estância do Vinho, Cordilheira Santana, Peruzzo, Bellavista Estate, Dunamis, entre outras. Além destes, também existem pequenos produtores que cultivam uvas para comercializar com grandes empresas ou que elaboram em suas próprias propriedades vinho artesanal para ser comercializado localmente.

Os dois primeiros grupos se articularam, em 2010, para a criação de uma associação, a Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha, a fim de representá-los na luta por melhores condições de desenvolvimento da vitivinicultura na região e na busca por uma Indicação de Procedência (IP) que possibilite uma maior

reputação e valorização aos produtos regionais. Essa indicação já foi solicitada junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) e aguarda aprovação.

Somando-se a isto, a Campanha Gaúcha apresenta algumas características importantes quanto à vitivinicultura. Para Sarmento (2017): a) o melhor sistema utilizado para a condução das videiras na região é a espaldeira; b) dentre as variedades de uva produzidas na região destacam-se: *Chardonnay*, *Merlot*, *Tannat*, *Cabernet Sauvignon* e *Pinot Noir* (*videiras europeias*); c) a utilização de mão de obra disponibilizada por colaboradores locais e externos, a maioria para realização de atividades de poda e colheita; d) a diversificação do número de cultivares para facilitar o manejo e a elaboração de diferentes tipos de vinhos; e) a constituição de um projeto de desenvolvimento sustentável na vitivinicultura regional; f) o destino final da maior parte da produção não fica na cidade de origem, sendo muitas vezes, encaminhada para outras cidades para vinificaçãoⁱⁱ. Um dos principais destinos é as vinícolas localizadas na Serra Gaúcha, tendo o município de Bento Gonçalves como referência principal. Outro aspecto importante é que os vinhos produzidos na região são de caráter seco (com menos açúcar, pois o mesmo foi convertido em álcool na fermentação), diferente que os vinhos mais doces e ditos suaves produzidos por uvas de origem americana de variedades, bordô, isabel, entre outras.

Ainda, a atividade vitícola que se organiza na região tem trazido também mudanças importantes na paisagem e na relação campo-cidade - a cidade vem criando infraestruturas para atender a nova condição econômica que se desenvolve -, na criação do curso de Enologia junto a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e de treinamento de pessoas para o trabalho nas videiras, e na organização espacial das diferentes atividades ligadas ao setor vitivinícola.

Convém destacar, que muitos estabelecimentos locais estão comercializando os vinhos e oferecendo passeios para visitar as vinícolas, uma parceria entre o comércio, os serviços locais e as empresas de vinho, que também disponibilizam e vendem seus produtos no sistema *e-commerce*. Ademais, o poder local e os atores territoriais estão criando rotas turísticas para ampliar a divulgação do vinho e fortalecer o enoturismo, que ora se inicia na região.

Neste contexto, existem muitas barreiras que precisam ser superadas nesta nova região vitícola, principalmente no que se refere aos sistemas de infraestrutura, a

ⁱⁱ É o processo de transformação do mosto de uva (suco da uva prensado) em vinho através de fermentação (RABACHINO, 2010).

concorrência com o vinho estrangeiro no que tange, sobretudo, a qualidade e o preço final pago pelo consumidor, a falta de mão de obra disponível, as grandes distâncias da região em relação aos grandes centros urbanos e ao restante do país, entre outras.

Contudo, a região vai tecendo seu território do vinho e conseguindo ampliar sua produção e sua visibilidade no mercado brasileiro e internacional. Espera-se que os empreendimentos e recursos existentes sejam ampliados e que novos projetos venham a impulsionar o desenvolvimento da vitivinicultura na Campanha Gaúcha, aproveitando as potencialidades locais.

Considerações

A produção de vinhos no estado do Rio Grande do Sul anteriormente restrita a região da Serra Gaúcha atualmente encontra-se em fase de expansão e estruturação em diferentes regiões do estado como, por exemplo, a fronteira sudoeste na região mais conhecida como Campanha Gaúcha.

Na Serra Gaúcha a vitivinicultura há mais de um século se constitui numa das mais importantes atividades agrícolas tendo uma importância bastante significativa na esfera econômica principalmente pela capacidade em proporcionar geração de renda e viabilizando a permanência dos agricultores no meio rural, fortalecendo a agricultura familiar muito presente na região, mas que se encontra ligada às exigências das grandes vinícolas e do mercado de vinhos. A uva e o vinho nesse lugar são inerentes ao morador local, que mantém a tradição herdada de seus familiares, que trouxeram da Itália o hábito de consumir vinho em suas refeições e o modo de trabalho com os vinhedos e na elaboração do vinho.

Assim, a uva e o vinho além de elementos culturais do colonizador italiano se tornaram uma atividade de relevância econômica para a região e possibilitaram o desenvolvimento de outras atividades ligadas a ela diretamente como, por exemplo, o turismo, que na Serra Gaúcha possui um calendário anual com atrações culturais e gastronômicas ao longo dos 12 meses do ano.

Atualmente o setor vitivinícola da região serrana encontra-se em fase de modernização, que contempla toda a cadeia produtiva vitivinícola, sendo a Indicação de Procedência (IP) e a Denominação de Origem (DO) do Vale dos Vinhedos localizada na Serra Gaúcha, que se traduz em um grande marco referencial nesse sentido, pois deram credibilidade e originalidade aos vinhos e espumantes ali produzidos, que se tornaram

parâmetro de qualidade internacional. Com a certificação obtida o setor vitivinícola local ganhou maior visibilidade e importância, os vinhos, por sua vez, atestaram a sua qualidade e passaram a ganhar mercados em nível nacional. Dessa forma, algumas vinícolas do Vale dos Vinhedos começaram a exportar parte da sua produção para países, extremamente exigentes, como os Estados Unidos e países da Europa.

Já a fronteira sudoeste desponta como um novo território vitivinícola, que é concebido desde a sua origem para a produção de vinhos finos, com alto padrão de qualidade e direcionados a um nicho de mercado diferenciado, que contempla um público consumidor mais exigente e disposto a pagar mais pelo produto. A vitivinicultura nessa nova região produtora possui uma ligação muito próxima com as empresas e vinícolas da Serra Gaúcha, sendo que algumas delas, principalmente as de maior volume de produção instalaram vinhedos e plantas industriais na região, com vistas a aproveitar as diferentes potencialidades que o lugar oferece para a produção de uva e vinho de qualidade superior.

Por ser uma prática recente na região a vitivinicultura está absorvendo elementos típicos e culturais do lugar, que partem desde a valorização da paisagem do bioma pampa, como os próprios costumes do cotidiano do morador local como, por exemplo, a utilização do cavalo como meio de transporte e o churrasco de chão e busca inseri-los nas atividades e práticas ligadas aos vinhedos e ao contexto do vinho. Esse fato é bem perceptível, principalmente no *marketing* empresarial voltado para os vinhos produzidos na região como forma de valorizar a cultura do morador local, personificado na figura do gaúcho (homem do campo, que cavalga e lida com a pecuária). A vitivinicultura, embora tenha surgido na região com os jesuítas, não se desenvolveu na região. Portanto, não fazia parte da cultura local, até que a descoberta que a região era adequada à produção de vinhos e a necessidade de diversificação produtiva na região despertou o interesse de empresários locais e externos. Os vinhos produzidos na região são de videiras europeias que constituem a produção de um vinho seco.

Referências

ACADEMIA DO VINHO. *Brasil – Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.academiadovinho.com.br/__mod_regiao.php?reg_num=BR01>. Acesso em: 19 mai. 2018.

Brasil é o 17º maior consumidor de vinhos no mundo. *Revista Encontro*, Belo Horizonte, 4 set. 2018.

DAL PIZZOL, R.; PASTOR, L. V. E. (Org. Doris Couto). *Paisagens dos Vinhedos Rio-Grandenses*. Bento Gonçalves: Gráfica Pallotti, 2016.

DUARTE, T. S.; DIAS, L. C. Novas áreas de expansão do capital vinícola no Rio Grande do Sul: redes e dinâmicas locais. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, VII., 2011, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPEL, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/download/5302/4026>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ENGELMANN, D. *Da estância ao Parreiral: um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento/RS*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Escola de Administração, 2009.

FALCADE, I. As Indicações Geográficas (IGs) e a reorganização do espaço rural brasileiro. In: MARAFRON, G. J.; RUA, J.; RIBEIRO, M. A. (org.). *Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007, p. 225-270.

_____. As paisagens vitícolas e a identidade das indicações de procedência Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo. In: MEDEIROS, R. M. V.; FALCADE, I. *Expressões da re-territorialização do campo brasileiro*. 1ª Edição. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013, p. 257-281.

FARIAS, C. V. S. Formação da indústria vitivinícola do RS: da imigração italiana aos dias atuais. 2008. Porto Alegre. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS: FEE, 29 a 30 de maio de 2008. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia-gaucha/.../historia-sessao2-2.doc>>. Acesso em: 17 de abr. 2018.

FLORES, S.S.; FALCADE, I.; MEDEIROS, R.M.V. Desenvolvimento territorial rural sustentável sob a perspectiva da vitivinicultura no Rio Grande do Sul. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, VII., 2010, Porto de Galinhas. *Anais...* Porto de Galinhas, 2010.

FLORES, S. S.; MEDEIROS, R. M. V. M. Ruralidades na compreensão dos territórios do vinho e sua identidade. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, v. 8, n. 15, p. 1-19, fev., 2013.

HAESBAERT, R. *RS: Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. *Panorama Geral*. Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/Panorama-Geral>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. *Regiões Produtoras*. Disponível em: <<https://www.ibravin.org.br/Regioes-Produtoras>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

LYSAKOWSKI, Z. (org.). *Centenário da Imigração Italiana 1875 -1975, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: Edel Ltda, 1975.

MANFIO, V.; PIEROZAN, V. L. A PRODUÇÃO DE VINHOS NO RIO GRANDE DO SUL: uma discussão a respeito da Serra Gaúcha e da Fronteira Sudoeste. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, XXIV, 2018, Dourados-MT. *Anais...* Dourados-MS, 2018. p. 3852-3867.

MATTEI, L.; TRICHES, V. Análise da Competitividade da Cadeia Vitivinícola do Rio Grande do Sul através do Ambiente Institucional. *Análise Econômica*, Porto Alegre, ano 27, n. 52, p. 161-183, set. 2009.

MELLO, L. M. R. de. *Vitivinicultura Brasileira: Panorama 2013*. Comunicado técnico, n.156. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2014.

MELLO, L. M. R. de. *Vitivinicultura Brasileira: Panorama 2014*. Comunicado técnico, n.175. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2015.

MELLO, L. M. R. de. *Cadastro Vitícola do Rio Grande do Sul – 2013 a 2015*. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1068771/cadastro-viticola-do-rio-grande-do-sul---2013-a-2015>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MIELE, A.; MANDELLI, F. Uvas Viníferas para Processamento em Regiões de Clima Temperado: sistemas de condução. *Embrapa Uva e Vinho*. n. 4, jul./2003. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/UvasViniferasRegioesClimaTemperado/conducao.htm>. Acesso em: 30 de out. de 2019.

HUBER, J. *Os segredos da arte de se produzir vinhos e espumantes premiados*. Reportagem de Bento Gonçalves e Garibaldi (Rio Grande do Sul), 01 de mar. de 2018. Disponível em: <https://montanhascapixabas.com.br/documentario/index.php>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.

NIEDERLE, P. A. *Compromissos para a qualidade: projetos de indicação geográfica para vinhos no Brasil e na França*. 2011. 263f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PROTAS, J. F. S.; CAMARGO, U. A. *Diagnóstico Qualitativo das principais regiões vitivinícolas brasileiras: aspectos tecnológicos e estruturais*. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2010.

PROTAS, J. F. S.; CAMARGO, U. A.; MELLO, L. M. R. de. *A vitivinicultura brasileira: realidade e perspectivas*. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2002. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/vitivinicultura/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

REAL, M. C. *Os bons vinhos do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1981.

RABACHINO, R. *Vocabulário do Vinho*. 2 ed. Tradução de Paola Tedeschi. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SANTOS, J. V. T. dos. *Colonos do vinho: estudos sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SARMENTO, M. B. *Diagnóstico da cadeia da vitivinicultura na Campanha Gaúcha: potencialidades para o desenvolvimento regional*. Bagé: Ediurcamp, 2017.

SILVA, A. C.; RODRIGUES, E. A. G. A distribuição locacional da viticultura nas microrregiões do Rio Grande do Sul. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, VII., 2015, Santa Cruz do Sul. *Anais...* Santa Cruz do Sul: UNISC, 2015. p. 1-18.

SOUSA, J. S. I. de. *Uvas para o Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

VALDUGA, V. O Rol da Vitivinicultura e do Turismo na Evolução Identitária da Região Uva e Vinho (Rio Grande do Sul): Uma Proposta de Estudos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, VI., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2010, p. 1-15.

Artigo Recebido em 30/08/2019 - Aprovado em 20/10/2019

ⁱ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: nessamanfio@gmail.com

ⁱⁱ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil e professor na rede municipal de Canoas/RS, Brasil.